

KRISTIN HANNAH

O caminho para casa





O ARQUEIRO

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Dedicatória



Eu não posso negar que tenha sido uma mãe superprotetora e participativa. Fui a todas as reuniões escolares, festas e excursões até meu filho me implorar, por favor, por favor, para que eu ficasse em casa. Agora que ele cresceu e terminou a faculdade, posso olhar para trás e ver aqueles anos do seu ensino médio com a sabedoria que a distância traz. O último foi sem dúvida um dos anos mais desgastantes da minha vida e também um dos mais gratificantes. Quando penso naquela época – e essas lembranças foram a inspiração para este livro –, recordo muitos altos e baixos. Acima de tudo, penso em como tive sorte por morar em uma comunidade unida e atenciosa, em que um ajudava o outro. Então, este livro é para meu filho, Tucker, e para todos os jovens que passaram pela nossa casa, iluminando-a com suas risadas: Ryan, Kris, Erik, Gabe, Andy, Marci, Whitney, Willie, Lauren, Angela e Anna, para citar alguns. E também para as outras mães: eu sinceramente não sei como teria sobrevivido sem vocês. Obrigada por estarem sempre presentes e por saberem quando estender a mão, oferecer uma margarita ou me dizer uma verdade dura. Para Julie, Andy, Jill, Megan, Ann e Barbara. Por fim, mas certamente não menos importante, agradeço ao meu marido, Ben, que sempre esteve ao meu lado, mostrando-me de mil maneiras que na criação do nosso filho, assim como em tudo, éramos uma equipe. Obrigada a todos.

Prólogo



2010

Ela está de pé na curva fechada da Estrada da Noite.

Aqui a floresta é escura, mesmo ao meio-dia, com o sol a pino. Coníferas antigas e imponentes se estendem ao longo de ambas as margens da estrada, muito próximas umas às outras, e seus troncos cobertos de musgo se erguem retos como lanças até o céu de verão, bloqueando todo o sol. Paralelamente à faixa do asfalto desgastado, as sombras terminam na altura dos joelhos. O ar está parado e silencioso, como se a natureza prendesse a respiração. Expectativa.

Esta estrada já foi simplesmente o caminho para casa. Antes, ela a escolhia com facilidade, seguindo por sua superfície esburacada sem pensar duas vezes, raramente – ou nunca – notando o declive que havia em cada lado. Naquele tempo, sua mente se ocupava com outras coisas, com as minúcias da vida cotidiana. Afazeres domésticos. Compras e incumbências externas. Horários.

É claro que ela não entrava nesta estrada havia anos. A mera visão da placa sinalizadora, de um verde desbotado, era suficiente para fazê-la virar brusca-mente o volante. Melhor evitar aquela estrada. Ao menos era assim que ela pensava... até hoje.

As pessoas da ilha ainda comentam o que aconteceu naquele verão de 2004. Elas se sentam em bancos de bares ou em redes na varanda e dão suas opiniões, dizem meias-verdades e fazem juízos que não lhes cabe fazer. Mas os fatos são o que menos importa.

Se alguém a vir aqui, de pé nesta estrada solitária, em meio às sombras, tudo virá de novo à tona. Eles se lembrarão daquela noite, há tanto tempo, quando a chuva se transformou em cinzas...

Parte Um



Da nossa vida, em meio à jornada,
Achei-me numa selva tenebrosa,
Tendo perdido a verdadeira estrada.

– DANTE ALIGHIERI, *A DIVINA COMÉDIA*, “INFERNO”

Um



2000

Lexi Baill estudou um mapa do estado de Washington até que as minúsculas marcações geográficas vermelhas oscilassem diante de seus olhos cansados. Os nomes dos lugares tinham um quê de magia e sugeriam uma paisagem que ela mal podia imaginar: montanhas cobertas de neve e divisadas pela água, árvores altas e retas como campanários de igrejas, um céu azul límpido e sem fim. Visualizou águias pousadas em postes telefônicos e estrelas que pareciam tão próximas que daria para alcançá-las. Era provável que houvesse ursos vagando à noite pelas regiões ermas, à procura dos locais que até pouco tempo atrás tinham sido seu território.

Aquele seria seu novo lar.

Querida pensar que teria uma vida diferente ali. Mas como poderia acreditar nisso de verdade?

Tinha 14 anos e podia não saber muito, mas de uma coisa ela tinha certeza: as crianças do Cadastro Nacional de Adoção eram retornáveis, como garrafas de refrigerante usadas.

No dia anterior, sua assistente social a acordara cedo para avisá-la de que deveria fazer a mala. Mais uma vez.

– Tenho uma boa notícia – dissera a Sra. Watters.

Mesmo semiacordada, Lexi sabia o que isso significava.

– Outra família... Ótimo. Obrigada, Sra. Watters.

– Não é apenas uma família. É a sua família.

– Está certo, claro. A minha nova família. Vai ser ótimo.

A Sra. Watters emitiu aquele som de desilusão, quando soltava suavemente a respiração, quase como um suspiro.

– Você tem sido forte, Lexi. Durante todo esse tempo...

Lexi tentou sorrir.

– Não se sinta mal, Sra. W. Eu sei como é difícil encontrar casas para crianças

mais velhas. E a família Rexler foi muito legal. Se a minha mãe não tivesse voltado, acho que teria dado certo.

– Você sabe que nada daquilo foi culpa sua.

– Sei, sim – confirmou Lexi.

Nos dias bons, ela se deixava convencer de que as pessoas que a devolviam tinham os próprios problemas a resolver. Nos dias ruins, que ultimamente eram mais frequentes, perguntava-se o que havia de errado com ela, por que era alguém tão fácil de descartar.

– Você tem parentes, Lexi. Localizei a sua tia-avó. O nome dela é Eva Lange. Tem 66 anos e mora em Port George, em Washington.

Lexi se sentou, alerta.

– O quê? Minha mãe disse que eu não tinha parentes.

– Sua mãe... se enganou. Você tem família, sim.

Lexi passara a vida esperando ouvir essas palavras preciosas. Seu mundo sempre fora perigoso e incerto. Ela se sentia como um navio que, perdido em águas rasas, estivesse prestes a encalhar. Fora quase sempre uma menina sozinha, e assim crescera, cercada por estranhos, lutando por restos de comida e atenção, sem nunca receber o suficiente de nenhum dos dois – a criança selvagem dos tempos modernos. Apagara da memória a maioria dessas experiências, mas, quando tentava resgatá-las – quando um dos psicólogos da rede pública de saúde a obrigava a fazer isso –, ela se lembrava de estar com fome, molhada, e de tentar alcançar uma mãe bêbada demais para ouvi-la ou drogada demais para se importar com o que quer que fosse. Lembrava-se de passar dias em um cercadinho sujo, chorando e esperando que alguém se desse conta de sua existência.

Agora ela olhava pela janela suja do ônibus interestadual enquanto sua assistente social, que estava sentada a seu lado, lia um romance.

Depois de mais de vinte e seis horas na estrada, finalmente seu destino estava próximo. Lá fora, um céu cinza-escuro e carregado parecia engolir o topo das árvores. A chuva fazia rabiscos na janela, turvando a paisagem. Washington era como outro planeta: nada das colinas do sul da Califórnia, que tinham cor de casca de pão e eram banhadas pelo sol, nem do quadriculado cinzento das autoestradas engarrafadas. As árvores eram imensas – como se tivessem tomado esteroides – e as montanhas, também. Tudo parecia colossal e selvagem.

O ônibus entrou em um terminal de concreto de teto baixo e freou, chiando e sacudindo. Uma nuvem de fumaça preta passou pela janela e escureceu a plataforma por um instante, para em seguida ser carregada pela chuva. As portas do ônibus se abriram deslizando e sibilando.

– Lexi?

Quando ouviu a voz da Sra. Watters, ela pensou *Ande, Lexi*, mas não conseguiu sair do lugar. Olhou para a mulher que fora a única presença constante em sua vida nos últimos seis anos. Todas as vezes em que uma família adotiva temporária desistira dela e a devolvera, como se ela fosse um produto com defeito, a Sra. Watters estivera ali, aguardando-a com um sorriso tristonho. Talvez não fosse muito, mas era tudo o que ela conhecia, e de repente sentiu medo de perder até mesmo essa pequena familiaridade.

– E se ela não vier? – perguntou Lexi.

A Sra. Watters estendeu ao céu a mão de dedos finos e longos, rugosos e com nós largos ao dizer:

– Ela virá.

Lexi respirou fundo. Ela iria conseguir. É claro que sim. Nos últimos cinco anos, já tinha passado por sete famílias e frequentado seis escolas. Ela daria conta de mais isto.

Pegou a mão da Sra. Watters e saíram em fila pelo corredor estreito do ônibus, esbarrando nos bancos acolchoados de ambos os lados.

Fora do ônibus, Lexi apanhou a mala vermelha e surrada, que era quase pesada demais para ela, abarrotada com as únicas coisas que realmente lhe importavam: livros. Ela a arrastou até a extremidade da calçada e ficou ali, junto ao meio-fio. Aquela mínima elevação de concreto parecia um despenhadeiro perigoso. Um passo errado e ela poderia quebrar algum osso ou ser atirada de cabeça contra os carros.

A Sra. Watters parou ao seu lado e abriu um guarda-chuva. Os pingos ressoavam no náilon esticado.

Um a um, os outros passageiros desembarcaram do ônibus e desapareceram.

Lexi olhou para o terminal vazio e sentiu vontade de chorar. Quantas vezes já não estivera nesta mesma situação? Sempre que sua mãe se desintoxicava, depois de um tratamento, voltava para buscá-la. *Me dê outra chance, filhinha. Diga a este simpático juiz que você me ama. Desta vez vai ser melhor... Não vou mais esquecer você.* E, invariavelmente, Lexi tinha esperança.

– Talvez ela tenha mudado de ideia.

– Isso não vai acontecer, Lexi.

– Mas é uma possibilidade.

– Você tem família, Lexi.

Quando a Sra. Watters repetiu essas palavras aterrorizantes, Lexi se desculpou e deixou que uma pontinha de esperança entrasse, sorrateira.

– Família.

Ela ousou experimentar essa palavra estranha, que se derreteu na língua como uma bala, deixando um sabor adocicado.

Um Ford Fairlane azul, bastante velho, freou diante das duas e estacionou. Tinha marcas de ferrugem e o para-lama estava amassado. Uma fita adesiva fora passada transversalmente numa janela rachada, para vedá-la.

A porta do motorista se abriu vagarosamente e uma mulher saiu do carro. Era baixa, tinha cabelo grisalho, olhos de um castanho pálido e aquele tipo de pele vincada de quem fuma muito. Parecia incrível, mas ela tinha um ar familiar, como uma versão mais velha e enrugada da mãe de Lexi. E então aquela palavra impossível estava de volta, agora preenchida com significado. *Família*.

– Alexa? – disse a mulher, e sua voz soou rouca.

Lexi não conseguia responder. Ela queria que a mulher sorrisse ou talvez até a abraçasse, mas Eva Lange ficou ali parada, e seu rosto de uva-passa estava profundamente fechado.

– Sou sua tia-avó. Irmã da sua avó.

– Não conheci a minha avó – disse Lexi, e foi tudo em que conseguiu pensar.

– Todo este tempo pensei que você morasse com a família de seu pai.

– Não tenho pai. Quero dizer, não sei quem ele é. A minha mãe não sabia.

A tia Eva suspirou.

– Agora eu sei disso, graças à Sra. Watters. Esta é toda a sua bagagem?

Lexi sentiu a vergonha chegar como uma onda.

– É.

A Sra. Watters pegou a mala de Lexi com cuidado e a pôs no banco de trás do carro.

– Vá, Lexi. Entre no carro. Sua tia quer que você vá morar com ela.

É, por enquanto.

A Sra. Watters puxou Lexi e a envolveu em um forte abraço, enquanto sussurrava ao seu ouvido:

– Não tenha medo.

Lexi quase se deixou ficar neste abraço tempo demais. No último segundo, antes de a situação se tornar constrangedora, ela soltou os braços e se libertou. Caminhou até o carro velho e avariado e precisou fazer força para abrir a porta, que tremeu, rangeu e se escancarou.

Lá dentro, os bancos eram inteiriços e de vinil marrom. Suas costuras ressecadas deixavam escapar um enchimento cinza. O cheiro era uma mistura de hortelã com tabaco, como se alguém tivesse fumado um milhão de cigarros de menta ali.

Lexi se sentou o mais perto que pôde da janela. Através do vidro rachado, acenou para a Sra. Watters, observando-a desaparecer na neblina à medida que

o carro se afastava. Deixou as pontas dos dedos deslizarem pelo vidro frio, como se esse breve toque pudesse ligá-la à mulher que já não podia mais ver.

– Lamentei muito saber do falecimento de sua mãe, mas agora ela está em um lugar melhor. Saber disso deve reconfortar você – disse a tia Eva após um longo e incômodo silêncio.

Lexi nunca soube como responder a esse tipo de observação. Era essa a opinião que ouvira de todos os estranhos que a acolheram. Pobre Lexi, filha de uma viciada morta. Mas ninguém fazia ideia do que realmente tinha sido a vida de sua mãe – os homens, a heroína, os vômitos, a dor. Nem de como o fim fora terrível. Só Lexi sabia disso tudo.

Pela janela, ela observou seu novo lar. Era imponente, verde e escuro, mesmo em plena luz do dia. Passados alguns quilômetros, uma placa lhes deu as boas-vindas à reserva de Port George. Símbolos nativos estavam por toda parte. Na frente das lojas havia esculturas de baleias orcas. Nos terrenos malcuidados, as casas eram pré-fabricadas e no quintal de muitas delas era possível ver máquinas e carros enferrujados. Suportes para fogos de artifício vazios sinalizavam, nesta tarde de fim de agosto, a festividade de poucos dias atrás, e um chamativo cassino estava sendo construído em uma colina, com vista para o estuário de Puget.

As placas indicavam o caminho para o Parque de Trailers Chefe Sealh. Tia Eva atravessou o parque e parou o carro na frente de um trailer amarelo e branco, largo e espaçoso. Sob a chuva fina, ele parecia um pouco fora de foco, arredondado e frustrado. Vasos cinza, de plástico, que abrigavam longas petúnias moribundas, guardavam a porta, que fora pintada com um tom azul-bebê. De cada lado da janela da frente, as cortinas de tecido xadrez eram como duas ampulhetas de pano, cingidas no meio por fios de uma lã amarela felpuda.

– Não é muito – disse a tia Eva, parecendo envergonhada. – A tribo me aluga o trailer.

Lexi não sabia o que dizer. Se sua tia tivesse visto alguns dos lugares em que ela já havia morado, não se desculparia por este trailer tão bonitinho que era sua casa.

– É legal.

– Venha – chamou tia Eva, desligando o motor do Ford.

Lexi a seguiu pela trilha de cascalho até a porta da frente. Dentro, a casa móvel era impecável. Uma cozinha pequena, em L, emendava com uma copa na qual havia uma mesa cromada com tampo revestido de fórmica amarela e quatro cadeiras. Na sala, um pequeno sofá xadrez de dois lugares e duas poltronas de vinil azul ficavam em frente a uma TV posta sobre um suporte metálico. Na

mesa de canto havia duas fotografias, uma de uma senhora idosa que usava óculos com armação de chifre e outra do Elvis. No ar, cheiro de fumaça de cigarro e de flores de plástico. Na cozinha havia desodorizantes de ar roxos pendurados em quase todos os puxadores.

– Desculpe-me pelo cheiro. Parei de fumar na semana passada, quando soube de você – disse a tia Eva, voltando-se para olhar para Lexi. – Crianças e fumo barato não combinam, não é?

Uma sensação curiosa tomou conta de Lexi. Era como o leve bater das asas de um passarinho, uma emoção tão estranha que ela não a reconheceu de imediato.

Esperança.

Esta estranha, esta tia, largara o cigarro por ela. E a acolhera, mesmo estando com o dinheiro curto, o que era óbvio ali. Olhou para a mulher com vontade de dizer alguma coisa, mas não conseguiu pensar em nada. Temia que uma palavra errada fizesse tudo desandar.

– Estou me sentindo um tanto perdida, Lexi – disse tia Eva por fim. – Eu e o Oscar, meu marido, nunca tivemos filhos. Tentamos, mas não vieram. Então, não sei como é ser mãe. Se você ficar...

– Eu vou me comportar, juro. – *Não mude de ideia, por favor.* – Se a senhora ficar comigo, não vai se arrepender.

– Se eu ficar com você? – Tia Eva contraiu os lábios finos e franziu um pouco as sobrancelhas. – Sua mãe aprontou mesmo com você, não foi? Mas não posso dizer que esteja surpresa. Ela também fez a minha irmã sofrer muito.

– Ela era boa em magoar as pessoas – falou Lexi, baixinho.

– Nós somos uma família – disse Eva.

– Nem sei o que isso significa.

Tia Eva sorriu, mas foi um sorriso triste, que doeu em Lexi, fazendo-a se lembrar da própria ferida. A vida com a mãe tinha deixado suas cicatrizes.

– Significa que você vai ficar aqui comigo – respondeu tia Eva. – E acho melhor começar a me chamar de Eva, porque essa história de “tia” logo vai cansar.

Depois de dizer isso, Eva já estava se virando, quando Lexi agarrou seu pulso fino, sentindo a pele aveludada se enrugando na palma de sua mão. Ela não pretendia fazer isso – e não deveria ter feito –, mas agora era tarde demais.

– Que foi, Lexi?

Lexi precisou lutar para formar aquela palavrinha, que até parecia uma pedra presa na garganta. Mas tinha que falar. Tinha.

– Obrigada – disse, e seus olhos ardiam. – Não vou causar problemas. Prometo.

– Provavelmente vai, sim – respondeu Eva, e finalmente sorriu. – Você é adolescente, não é? Mas tudo bem, Lexi. Tudo bem. Estou sozinha há muito tempo. E me sinto feliz de ter você por aqui.

A única coisa que Lexi conseguiu fazer foi assentir com a cabeça. Também estava sozinha havia muito tempo.



Jude Farraday não conseguira dormir. Por fim desistiu de tentar, logo antes de amanhecer. Então se levantou da cama, erguendo com cuidado o edredom leve, pois não queria acordar o marido, e deixou o quarto, abrindo silenciosamente as portas francesas que davam para o quintal.

Na luz que começava a despontar, o orvalho fazia o jardim dos fundos reluzir. Seu exuberante gramado verde descia em ondulações suaves até uma praia arenosa e cinzenta, repleta de seixos. Mais adiante, o estuário de Puget formava ondas cor de carvão que rolavam e rolavam, com seus picos pintados de laranja pela alvorada. Na margem oposta, a cordilheira Olímpica era uma linha tortuosa cor-de-rosa e lavanda.

Ela calçou os chinelos de borracha que ficavam sempre junto à porta e foi para o jardim.

Este pequeno pedaço de chão significava mais do que seu orgulho e alegria. Era seu santuário. Aqui, agachada na rica terra preta, ela plantava e replantava, tirava mudas e podava. Entre esses muros baixos de pedra, criara um mundo inteiramente definido pela beleza e pela ordem. O que era plantado aqui ficava onde ela o colocava e estendia raízes que se embrenhavam fundo nesta terra. Não importavam o frio nem o rigor do inverno, tampouco a violência das tempestades: suas plantas queridas sempre voltavam à vida, retornando com as estações.

– Você se levantou cedo.

Ela se virou. O marido estava de pé no pátio de pedra, em frente à porta do quarto. Vestindo calção preto e com o cabelo louro-grisalho comprido demais e ainda despenteado, ele parecia um charmoso professor de literatura clássica ou um astro do rock logo depois do apogeu. Não era de estranhar que tivesse se apaixonado por ele à primeira vista, mais de vinte e quatro anos atrás.

Jude tirou as sandálias e foi andando pelo caminho de pedras até o quintal cimentado.

– Não consegui dormir – confessou.

Ele a acolheu em um abraço.

– Será o primeiro dia de aula.

Aqui estava o que tinha entrado sorratamente no sono de Jude, como um ladrão, e arruinado a sua paz.

– Mal acredito que já estejam começando o ensino médio. Ainda ontem estavam no jardim de infância.

– Será uma aventura interessante ver quem eles irão se tornar nos próximos anos.

– Interessante para você, que está na arquibancada, assistindo ao jogo – ela retrucou. – Eu estou no campo, levando os golpes. Morro de medo de que algo dê errado.

– O que poderia dar errado? São crianças inteligentes, curiosas e amorosas. Tudo está a favor deles.

– O que poderia dar errado? Você está falando sério? É... um mundo perigoso, Miles. Nós os mantivemos em segurança até agora, mas o ensino médio é diferente.

– Você vai ter de relaxar um pouco, e sabe disso.

Era o tipo de coisa que ele lhe dizia o tempo todo. Aliás, muita gente lhe dava esse conselho havia anos. Ela era criticada por apertar demais as rédeas da maternidade, por controlar os filhos, mas ela não sabia ser diferente. Desde o instante em que decidira ser mãe, iniciara uma batalha épica. Sofrera a dor de três abortos antes dos gêmeos. E houve um período em que, mês após mês, toda vez que menstruava, sentia-se afundar em uma depressão turva e cinzenta. Então, um milagre: engravidara novamente. A gestação fora difícil, sempre no limite, e ela teve de ficar quase seis meses em repouso total. Cada dia que passara naquela cama, imaginando os bebês, era uma batalha de determinação. E nela Jude dera sua alma.

– Ainda não posso relaxar – disse ela finalmente. – Eles só têm 14 anos.

– Jude – disse ele, suspirando. – Só um pouquinho. Só peço isso. Você verifica o dever de casa todo dia, acompanha cada dança e organiza todos os eventos da escola. Faz o café da manhã e os leva aonde quer que seja, sempre. Limpa o quarto deles, lava suas roupas. Se eles se esquecem de alguma tarefa, você arranja desculpas e faz tudo você mesma. Eles não são passarinhos indefesos. Deixe que fiquem um pouco mais soltos.

– E do que eu devo abrir mão? Se parar de controlar o dever de casa, a Mia vai deixar de fazer. Será que eu deveria parar de ligar para os pais dos amigos deles para verificar se as crianças estão mesmo onde disseram que estariam? Quando eu cursava o ensino médio, todo fim de semana fazíamos festas regadas a cerveja e duas amigas minhas engravidaram. Agora meu controle pre-

cisa ser *ainda mais eficaz*, se você quer saber. Muita coisa pode dar errado nos próximos anos. Preciso protegê-los. Depois que entrarem para a faculdade, eu relaxo. Prometo.

– Para a faculdade certa – provocou ele, mas ambos sabiam que não era exatamente uma brincadeira. Os gêmeos mal haviam entrado no ensino médio, e Jude já começara a pesquisar faculdades.

Ela olhou para o marido, desejando compreensão, embora soubesse que a opinião dele era de que ela vivia excessivamente em função dos filhos. Jude entendia a preocupação que ele sentia, mas era mãe e não conseguia lidar com a maternidade de forma casual. Não suportava a ideia de que seus filhos crescessem como ela, sem que se sentissem amados.

– Você não se parece nada com ela, Jude – disse Miles em voz baixa.

E, por ter dito isto, Jude o amou ainda mais. Então se deixou relaxar, apoiada nele, e juntos viram o dia se iluminar. Finalmente, ele falou:

– Preciso ir. Tenho uma cirurgia às dez.

Ela lhe deu um beijo apaixonado e o seguiu de volta para dentro de casa. Depois de uma ducha rápida, secou os cabelos louros que iam até a altura dos ombros, fez uma maquiagem suave e vestiu uma calça jeans desbotada e um casaco de caxemira de gola canoa. Em seguida, abriu a gaveta da cômoda e pegou dois embrulhos, um para cada filho. Saiu do quarto e atravessou o amplo corredor de ardósia. A luz da manhã reluzia através das amplas janelas, que iam do chão ao teto, e isso fazia com que a casa, que fora construída principalmente com pedra, vidro e madeiras exóticas, parecesse ter um brilho próprio. No andar principal, cada um dos pontos mais destacados exibia alguma preciosidade decorativa. Para que esta casa ficasse espetacular e exatamente como ela queria, Jude passara quatro anos envolvida com arquitetos e designers.

O andar superior era outra história. Uma escada flutuante feita de pedra e cobre conduzia ao território das crianças. Um salão de jogos gigante, com uma enorme TV e uma mesa de bilhar, dominava o lado leste da casa. Havia ainda dois quartos grandes, ambos suítes.

Ela bateu de leve à porta do quarto de Mia e entrou.

Como era de esperar, encontrou a filha de 14 anos esparramada sobre as cobertas da cama com dossel, adormecida. Havia roupas empilhadas, amontoadas e jogadas por toda parte, como projéteis resultantes de uma explosão mítica. Mia estava fortemente engajada na busca da própria identidade e cada tentativa exigia uma mudança radical no guarda-roupa.

Jude se sentou na beirada da cama e acariciou os cabelos louros e macios que caíam sobre o rosto da filha. Por um instante, o tempo atual deixou de existir e

ela era novamente uma jovem mãe que observava sua menininha angelical: de sedosos cabelos cor de palha de milho e um sorriso que mostrava até a gengiva, Mia seguia o irmão gêmeo como se fosse a sombra dele. Pareciam dois filhinhos, rolando juntos em brincadeiras animadas, falando sem parar em sua língua secreta, dando gargalhadas, pulando de sofás, degraus e colos. Desde o início, Zach fora o líder da dupla. Começara a falar antes e com mais fluência. Já tinha passado o quarto aniversário dos dois e Mia ainda não pronunciara nenhuma palavra de verdade. Não era preciso, pois o irmão estava sempre ao lado dela. Tanto antes quanto agora.

Mia se virou, sonolenta, e abriu os olhos, piscando devagar. Em formato de coração, seu rosto pálido tinha uma estrutura óssea divina – herança do pai –, mas era um campo de batalha contra a acne, que nenhum cuidado ainda fora capaz de derrotar. Elásticos de várias cores se entrelaçavam no aparelho dental.

– *Hola, madre.*

– É o primeiro dia de aula.

Mia fez uma careta.

– Ah, me mate! Estou falando sério.

– Vai ser melhor que o ensino fundamental, você vai ver.

– É o que você pensa. Você não pode me dar aulas em casa?

– Você se lembra do sétimo ano? Quando eu tentei ajudar você com o dever de casa de matemática?

– Uma catástrofe – respondeu Mia, com mau humor. – Mas agora talvez fosse melhor. Eu não ficaria tão brava com você.

Jude acariciou o cabelo macio da filha.

– Você não pode se esconder da vida, bonequinha.

– Eu não quero me esconder da vida. Só da escola. É como nadar entre tubarões, mãe. Sério. Posso perder uma perna.

Jude não pôde deixar de rir.

– Está vendo? Você tem um ótimo senso de humor.

– É o que dizem para convencer alguém a sair com uma garota feia. Valeu, *madre*. E quem liga para meu humor, afinal? Eu nem tenho amigos.

– Claro que tem.

– Não. O Zach tem amigos que tentam ser simpáticos com a irmã sem graça dele. Não é a mesma coisa.

Durante anos, Jude movera céus e terras pela felicidade dos filhos, mas não tinha como travar esta guerra. Não era fácil ser a irmã gêmea tímida do menino mais popular da escola.

– Tenho um presente para você.

– Verdade? – Mia se sentou. – O que é?

– Abra – disse Jude, mostrando a pequena caixa embrulhada.

Mia rasgou o papel e abriu a caixa. Dentro havia um diário fino, de couro rosa e com um brilhante cadeado metálico.

– Eu tinha um desses quando era da sua idade. Eu escrevia tudo o que me acontecia. Escrever pode ajudar. Eu também era tímida, você sabe disso.

– Mas você era bonita.

– Você é bonita, Mia. Eu queria muito que você conseguisse enxergar isso.

– Sei. Espinhas e aparelho estão na moda, são o sonho de todo mundo.

– Apenas tente se abrir mais para as pessoas, está bem, Mia? É uma escola nova, então crie uma nova oportunidade, entende?

– Mãe, eu vou à escola com as mesmas pessoas desde o jardim de infância. Acho difícil que um endereço novo faça diferença. Além disso, eu já tentei me abrir... com a Haley, lembra?

– Isso foi há mais de um ano, Mia. Não ajuda nem um pouco se concentrar nas coisas ruins. Hoje é seu primeiro dia de ensino médio. Um novo começo.

– Está bem. – Mia tentou dar um sorriso otimista.

– Ótimo. Agora, saia desta cama. Quero chegar à escola cedo, assim posso ajudá-la a achar seu armário e a sala de sua primeira aula. O professor de geometria é o Sr. Davies e quero contar a ele como você foi bem no exame de avaliação estadual.

– Você *não* vai me levar até a sala de aula. E eu também consigo achar meu armário sozinha.

Racionalmente, Jude sabia que Mia tinha razão, mas não estava preparada para soltar as rédeas. Ainda não. Muitas coisas podiam dar errado. Mia era frágil e se irritava facilmente. E se alguém zombasse dela, se implicassem com sua filha?

O papel da mãe é proteger os filhos, quer eles queiram, quer não.

– Vou ficar praticamente invisível, você vai ver. Ninguém nem sequer vai perceber a minha presença – disse Jude, levantando-se.

Mia suspirou.

Dois



No primeiro dia de aula, Lexi acordou cedo e foi cambaleando pelo corredor estreito até o banheiro. Uma olhada no espelho confirmou seu maior medo: ela estava abatida, com a pele um tanto pálida, e os olhos azuis se mostravam inchados e injetados. Era provável que ela tivesse chorado durante a noite mais uma vez.

Tomou um banho morno e rápido, preocupada em não desperdiçar o dinheiro da tia. Não fazia sentido secar o cabelo: como sempre, suas mechas pretas, que desciam até a cintura, iriam enrolar e ficar eriçadas e fazer o que bem entendessem, então ela prendeu tudo em um rabo de cavalo e voltou para o quarto.

Lá, abriu a porta de seu armário e observou as peças de roupa. As opções eram tão limitadas...

O que será que as garotas vestiam por ali? Será que naquele lugar as adolescentes se arrumavam como modelos de vanguarda sempre antenadas com as tendências da moda? Ou as salas ficavam repletas de grunges ou aspirantes a astros de rap?

Alguém bateu à porta do seu quarto – tão de leve que Lexi mal ouviu. Depois de arrumar rapidamente a cama, ela foi ver quem era.

Eva estava de pé do outro lado e segurava um casaco de moletom rosa-bebê com uma reluzente borboleta de strass bordada na frente. Suas asas eram roxas, amarelas e verde-esmeralda.

– Comprei isto para você ontem, no trabalho. Acho que toda garota merece usar uma roupa nova no primeiro dia de aula.

Era a coisa mais feia que Lexi já vira. Parecia a roupa de uma criança de 4 anos, e não de uma menina de 14, mas ela amou o casaco assim que o viu. Ninguém nunca tinha comprado algo especialmente para ela usar no primeiro dia de colégio.

– Ele é perfeito! – disse, notando que estava com a garganta apertada.

A cada hora que passava, Lexi se sentia mais em casa, e só estava com a tia havia quatro dias. Essa adaptação a apavorava. Ela sabia como podia ser perigoso começar a gostar de um lugar, de uma pessoa...

– Não precisa vestir, se não quiser. Eu só pensei...

– Estou louca para usar este casaco, Eva. Obrigada.

O sorriso que a tia deu foi tão largo que suas maçãs do rosto sobressaíram.

– Eu disse à Mildred que você iria gostar.

– E gostei mesmo.

Eva amarrou o cabelo em um coque e voltou a sair para o corredor, fechando a porta do quarto da sobrinha. Lexi vestiu o moletom cor-de-rosa e uma calça jeans desbotada e pôs na mochila de segunda mão os cadernos, os papéis e as canetas que a tia havia comprado na noite anterior, na grande loja de departamentos em que trabalhava.

Na cozinha, encontrou Eva tomando café em pé ao lado da pia, já pronta para ir trabalhar, com o jaleco azul do uniforme, um casaco de náilon amarelo-limão e calça jeans. Naquele ambiente pequeno e organizado, seus olhares se cruzaram, e os olhos castanhos da tia pareceram preocupados.

– A Sra. Watters teve muito trabalho para conseguir uma vaga na escola de Pine Island. É uma das melhores do estado, mas o transporte escolar não atravessa a ponte. Você vai ter de pegar o ônibus intermunicipal. Tudo bem? Eu já tinha mencionado isso?

Lexi assentiu.

– Está bem, Eva. Não se preocupe. Eu pego ônibus há anos.

Ela não chegou a dizer que muitas vezes dormira naqueles bancos sujos, quando ela e a mãe não tinham para onde ir.

– Então está bem.

Eva terminou o café e lavou a xícara, que deixou sobre a pia.

– Bem, vamos lá, você não quer se atrasar logo no primeiro dia, não é? Eu vou lhe dar uma carona.

– Eu posso pegar o ônibus...

– Não no primeiro dia. Eu consegui o segundo turno hoje.

Lexi seguiu a tia até o carro. No trajeto para a ilha, observou atentamente os lugares pelos quais passavam. Ela vira tudo aquilo nos mapas, mas as linhas e os símbolos pequeninos que eles exibiam só contavam uma parte da história. Ela sabia, por exemplo, que Pine Island era uma ilha com pouco mais de dezenove quilômetros de comprimento e seis de largura, cujo acesso era feito por balsa a partir do centro da cidade de Seattle e por ponte, saindo do condado de Kitsap. Antes da ponte, em Port George, as terras pertenciam aos nativos. Já em Pine Island, como ela agora podia ver, não era assim. Ao examinar as casas, percebeu que quem morava ali na ilha era rico. As residências eram praticamente mansões.

Deixaram a estrada e pegaram uma rua que subia uma ladeira e levava à escola, um conjunto de edifícios baixos de tijolos vermelhos dispostos ao redor de um mastro de bandeira. Como muitas das escolas que Lexi frequentara, estava claro que esta também crescera mais rápido do que o planejado. Várias estruturas móveis provisórias contornavam as construções centrais. Eva parou no espaço vazio reservado ao ônibus, olhou para Lexi e disse:

– Esses garotos não são melhores do que você. Lembre-se disso.

Lexi sentiu uma onda de afeto por essa mulher sofrida que a acolhera.

– Eu vou ficar bem – disse. – Não precisa se preocupar comigo.

Eva concordou com a cabeça e se despediu:

– Então, boa sorte.

Lexi não retrucou que sorte era algo sem utilidade alguma em se tratando de uma escola nova. Em vez disso, apenas se obrigou a sorrir e saiu do carro. Enquanto acenava, dando adeus, viu um ônibus escolar parar atrás do carro da tia e os alunos começarem a descer, apressados.

Lexi baixou a cabeça e se afastou, andando em direção ao colégio. Já fora a garota nova muitas vezes e conhecia os artifícios da camuflagem. A melhor tática consistia em se misturar ao conjunto, desaparecer, e para isso era necessário baixar o olhar e andar depressa. Regra número um: nunca pare. Regra número dois: nunca olhe para cima. Se ela seguisse esse padrão, até o final da semana seria só mais uma criança entre os calouros, e então poderia tentar – aí, sim – fazer um ou dois amigos. Mas aqui não seria fácil. O que ela poderia ter em comum com estes garotos?

Seguindo suas regras de disfarce, chegou ao bloco A e conferiu o horário de turmas duas vezes. Era ali mesmo. Sala 104. Ela se fundiu ao grupo de estudantes, em que todos pareciam se conhecer, e se deixou levar pela corrente que formavam. Na sala, os jovens se acomodavam em seus lugares e conversavam com entusiasmo.

Seu erro foi ter parado. Ela olhou para cima apenas o tempo necessário para se orientar, e foi quando a sala ficou em silêncio. Todos olharam para ela e então os cochichos começaram. Alguém riu. Lexi sentiu seus defeitos se intensificarem: as sobrelanceiras pretas e grossas, os dentes tortos e o cabelo crespo, a calça barata e o moletom horrível. Este era o tipo de lugar em que toda criança exibia um aparelho ortodôntico no início da adolescência e um carro aos 16 anos.

No fundo da sala, uma menina apontou para ela e começou a dar risadinhas. Outra, que estava sentada ao lado da que ria, meneou a cabeça. Lexi pensou ter ouvido “Bela borboleta”, e depois “Será que foi ela quem fez?”

Um garoto ficou de pé e mais uma vez houve silêncio.

Lexi sabia quem ele era. Toda escola tinha um rapaz como ele: bonito, popular, atlético, o tipo que conseguia tudo o que queria sem nem mesmo precisar se esforçar. Capitão do time de futebol e representante da turma. Com sua camiseta azul-piscina e calça jeans larga, parecia o Leonardo DiCaprio, todo radiante, sorridente e seguro de si.

Ele vinha na direção dela. Por quê? Por acaso haveria alguma menina bonita atrás dela? Ou será que ele iria fazer algo para humilhá-la, e assim divertir os amigos?

– Oi – disse ele.

Lexi sentia a expectativa nos olhares de todos. Mordeu o lábio inferior para esconder os dentes tortos.

– Oi.

Ele sorriu.

– A Susan e a Liz são duas babacas. Não ligue para elas. A borboleta é legal.

Ela parecia uma pateta, parada ali, fascinada com o sorriso dele. *Tome jeito, Lexi. Você já viu garotos bonitos antes.* Ela deveria dizer alguma coisa, sorrir, fazer *qualquer coisa*.

– Venha – disse ele, segurando o braço de Lexi e fazendo-a estremecer levemente, como se uma pequena corrente elétrica passasse por seu corpo.

O garoto deveria ter andado, tê-la conduzido a algum lugar. Não era por isso que estava segurando seu braço? Mas ele simplesmente ficou ali, parado, olhando do alto para ela. E então o sorriso do rapaz se desfez. De repente, Lexi perdeu o fôlego e o mundo todo foi sumindo até restar somente este rosto que a olhava com seus incríveis olhos verdes.

Ele começou a dizer alguma coisa, mas o coração de Lexi batia com tanta força que não a deixava ouvir as palavras. Em seguida ele estava sendo puxado para longe por uma menina linda vestida com uma saia menor que um guardanapo.

Ainda incapaz de respirar, Lexi ficou olhando para as costas dele por um tempo que pareceu longo demais, até que se lembrou de onde estava e de quem era: a menina nova de moletom cor-de-rosa brega. Apertando o queixo contra o peito, avançou depressa até uma cadeira na última fila. Deslizou pela superfície lisa bem no instante em que o sinal tocou.

Enquanto o professor fazia um discurso monótono sobre a fundação da cidade de Seattle, Lexi lembrava aqueles instantes sucessivas vezes. Dizia a si mesma que o jeito como ele a tinha tocado não significara nada, mas não conseguia parar de pensar nisso. O que será que ele queria dizer a ela?

Quando a aula acabou, ela ousou olhar para ele, que saía da sala com a multidão de estudantes, rindo de algo que a garota de minissaia lhe dissera. Ao passar

pela carteira de Lexi, ele se demorou um pouco mais e olhou para ela, mas não sorriu nem parou, apenas continuou andando.

É claro que ele não parou. Lexi se levantou devagar e foi andando em direção à porta. No restante da manhã, tentou manter a cabeça erguida enquanto atravessava os corredores movimentados, mas ao meio-dia já estava se arrastando. E o pior ainda estava por vir.

A hora do almoço em uma escola nova é um inferno. Nunca se sabe o que pega bem e o que pega mal, e a ordem social pode ser subvertida se você ousar se sentar onde não deve.

Na porta do refeitório, Lexi parou. Só a ideia de entrar ali e de ser dissecada e julgada era mais do que ela conseguiria tolerar por hoje. Em geral era mais forte, contudo o Sr. Popular a desnorteara um pouco e fizera com que ela quisesse o impossível, e ela sabia de primeira mão que desejar algo a tornava vulnerável. Era uma perda de tempo. Resolveu que iria sair, ficar ao ar livre, onde o sol estava brilhando. Revirou o conteúdo da mochila e encontrou o lanche que Eva embrulhara para ela e uma edição bastante manuseada de *Jane Eyre*. Algumas crianças tinham bichinhos de pelúcia ou um cobertor especial que usavam desde sempre. Ela contava com Jane.

Lexi vagou pela escola em busca de um lugar em que pudesse se sentar e ler enquanto almoçava. Cruzando o terreno, avistou uma arvorezinha bonita, plantada em um pequeno gramado triangular. Mas não foi a árvore o que chamou sua atenção, e sim a menina inclinada sobre um livro, sentada de pernas cruzadas na grama que crescia sob a copa verde. Usando o cabelo louro dividido em duas tranças frouxas, uma delicada saia de tule rosa, uma camiseta regata preta e tênis pretos de cano alto, ela certamente passava seu recado.

E era um recado que Lexi compreendia: não sou como você. Não preciso de você.

Ela mesma passara alguns anos se vestindo desse jeito, numa época em que não queria fazer amigos, porque temia que lhe perguntassem onde morava ou como era sua mãe.

Respirou fundo e caminhou na direção da menina. Ao se aproximar, parou. Queria dizer a coisa certa, mas, agora que estava ali, não sabia exatamente o que fazer.

A menina levantou o olhar. Tinha uma aparência frágil, com o rosto marcado por espinhas e os olhos verdes excessivamente delineados com um lápis roxo. A existência do aparelho ortodôntico era acentuada pela cor viva dos elásticos presos nele.

– Oi – disse Lexi.

– Ele não está aqui. E não vai vir.

– Quem?

A menina deu de ombros, desinteressada, e voltou à leitura.

– Se você não sabe, não tem importância, não é?

– Posso me sentar aqui com você?

– Suicídio social – respondeu a garota, sem erguer a vista.

– Quê?

Ela tornou a olhar para cima.

– É suicídio social se sentar aqui. Nem mesmo o pessoal do teatro anda comigo. Pois é. Drástico assim.

– Quer dizer que não vamos entrar para o time das líderes de torcida? Que tragédia...

Pela primeira vez a menina demonstrou interesse em Lexi. Deu-lhe um sorriso desajeitado e disse:

– A maioria das meninas liga para essas coisas.

– É mesmo? – Lexi deixou a mochila cair na grama. – O que você está lendo?

– *O morro dos ventos uivantes*.

Lexi mostrou seu livro.

– *Jane Eyre*. Posso me sentar?

A garota chegou para o lado, abrindo espaço no pequeno terreno gramado.

– Ainda não li esse. É bom?

Lexi se acomodou ao lado dela.

– É o meu preferido. Quando você terminar o seu, podemos trocar.

– Seria ótimo. Aliás, meu nome é Mia.

– Lexi. Sobre o que é esse livro?

Mia começou a contar devagar, tropeçando nas palavras, mas, quando chegou o momento de falar sobre Heathcliff, sua narrativa pareceu decolar. Quando Lexi percebeu, as duas estavam rindo como se fossem amigas de longa data. E então o sinal tocou e elas se levantaram e caminharam juntas até os armários, ainda conversando sem parar. Lexi não mantinha mais a cabeça abaixada e também não apertava os livros contra o peito nem evitava o contato visual com as pessoas. Em vez disso, estava rindo.

Na porta da sala em que seria sua aula de espanhol, Mia parou e disse, de repente:

– Você bem que poderia ir comigo à minha casa hoje, depois da aula. Quero dizer, se você quiser. – Ela parecia aflita. – Mas provavelmente não vai querer... Não tem problema.

Lexi quis sorrir, mas tinha vergonha de mostrar os dentes.

– Eu adoraria.

– Então me encontre perto do mastro da bandeira, em frente à secretaria, está bem?

Lexi foi para a sua sala e se sentou no fundo. Passou o restante do dia olhando para o relógio, desejando que o tempo voasse, até que, às 14h50, estava ao lado da bandeira, esperando. A garotada passava por ela, brincando uns com os outros, a caminho dos ônibus enfileirados do lado de fora.

Talvez Mia não aparecesse. Era provável que não viesse.

Lexi já estava desistindo de ficar ali, quando Mia surgiu ao seu lado.

– Você esperou – disse, e sua voz parecia demonstrar alívio, o mesmo sentimento que dominava Lexi. – Vamos.

Mia abriu caminho através da multidão de estudantes até um enorme utilitário esportivo, um Cadillac Escalade preto e brilhante, que estava parado no acostamento. Abriu a porta do passageiro e subiu no banco.

Lexi seguiu a nova amiga e se sentou no banco bege que recendia a couro.

– *Hola, madre* – disse Mia. – Esta é a Lexi. Eu a convidei para ir à nossa casa. Tudo bem?

Quando a mulher que estava ao volante se virou, Lexi ficou perplexa diante de sua beleza. A mãe de Mia lembrava a Michelle Pfeiffer, com uma pele clara e perfeita e os cabelos louros e lisos. Vestindo um casaco salmão obviamente caro, parecia saída da capa de um catálogo de loja de roupa chique.

– Oi, Lexi. Meu nome é Jude. Muito prazer. Como é que eu ainda não conhecia você?

– Acabei de me mudar para cá.

– Ah, então é por isso. E onde você morava, antes?

– Na Califórnia.

– Ah, não vou usar isso contra você, pode deixar – brincou Jude, com um sorriso reluzente. – Sua mãe não vai achar ruim se você não for direto para casa?

– Não – respondeu Lexi, já tensa com a expectativa da próxima pergunta.

– Se você quiser, posso ligar para ela, me apres...

– *Mãããe!* – queixou-se Mia. – Você está fazendo aquilo de novo.

Jude abriu um sorriso para Lexi.

– Estou deixando minha filha envergonhada. Infelizmente, parece que é algo que estou fadada a fazer hoje em dia, até mesmo quando respiro. Mas não tenho como deixar de ser mãe, não é? Tenho certeza de que às vezes sua mãe também faz com que você se sinta constrangida, não é, Lexi?

Lexi não fazia ideia do que responder, mas não tinha importância. Jude riu e continuou como se não tivesse perguntado nada.

– Muito bem, meu dever é levá-las em segurança. Coloquem os cintos. Não vou dar mais nem um pio.

Ela ligou o carro e Mia imediatamente começou a contar sobre um livro do qual tinha ouvido falar. Afastando-se da escola, entraram em uma ruazinha agradável. Na cidade, o tráfego estava lento, parando a toda a hora. Mas, ao deixarem para trás o perímetro urbano, o caminho ficou livre. Seguiram por diversas estradas sinuosas de mão dupla, todas ladeadas de árvores, até que viraram em um caminho de cascalho, quando Jude exclamou:

– Lar, doce lar!

De início, não se via nada além de árvores de ambos os lados, e elas eram tão altas e largas que bloqueavam todo o sol. Mas então veio outra curva e, por fim, uma clareira ensolarada.

A casa parecia saída de um romance: uma construção alta, feita de madeira e pedra e com janelas por todos os lados, imponente no centro do belo cenário. Muros baixos de pedra delineavam magníficos jardins e, ao fundo, via-se o estuário azul. Mesmo à distância, Lexi podia ouvir as ondas que quebravam na praia.

– Uau! – admirou-se ela, enquanto saía do carro.

Lexi nunca tinha estado em uma casa como essa. Como deveria se comportar? O que dizer? Com certeza cometeria algum erro, e então Mia iria rir dela.

Jude passou um braço pelos ombros da filha e as duas saíram andando na frente.

– Aposto que vocês estão com fome. Querem que eu faça umas *quesadillas*? Vocês podem me contar como foi o primeiro dia na nova escola.

Lexi instintivamente se deixou ficar para trás.

Na porta de entrada, Mia olhou para ela e perguntou:

– Lexi? Você não quer entrar, é isso? Mudou de ideia, não foi?

Lexi sentiu a insegurança se dissolver. Ou, mais precisamente, se fundir à de Mia e se transformar em outra coisa qualquer. Elas eram parecidas. Era um absurdo, mas ela, que não tinha nada, era como aquela menina que tinha tudo.

– Claro que não é isso! – Foi sua resposta, enquanto ria e avançava até a porta.

Assim que entraram, ela tirou os sapatos e percebeu em seguida que as meias estavam furadas nos dedos. Constrangida, seguiu Mia mais para dentro da casa. Painéis de vidro emolduravam uma vista magnífica do mar, os pisos eram brilhantes e havia uma lareira de pedra. Lexi tinha medo de encostar em qualquer coisa que fosse.

Mia pegou sua mão e a levou até a cozinha, que era imensa. Reluzentes painéis de cobre pendiam de uma estrutura preta que fora projetada sobre o fogão

de oito bocas e arranjos de flores frescas estavam dispostos em vários lugares. Elas se sentaram na longa bancada de granito escuro enquanto Jude preparava *quesadillas*.

– Sem mais nem menos, ela veio andando até onde eu estava, *madre*. Eu falei que se sentar do meu lado era suicídio social, mas ela nem ligou. Não é o máximo?

Jude sorriu ao ouvir o que a filha estava contando e quis começar a dizer algo, mas Mia continuou a falar. Lexi mal conseguia acompanhar o fluxo constante das histórias da amiga. Era como se a garota tivesse guardado suas considerações e pensamentos dentro de si durante anos e só agora, finalmente, os estivesse manifestando. Lexi conhecia isso, sabia o que era guardar para si as coisas, ter medo e tentar ficar calada. Ela e Mia compararam opiniões sobre a escola, os garotos, as aulas, filmes, tatuagens, *piercings* no umbigo, e sempre concordavam uma com a outra, em *tudo*. E quanto mais combinavam, mais Lexi se preocupava: o que aconteceria quando Mia ficasse sabendo do seu passado? Será que ela iria querer ser amiga da filha de uma drogada?

Por volta das cinco da tarde, a porta da frente foi escancarada e um grupo de jovens invadiu a casa.

– Os sapatos! – gritou Jude da cozinha, sem levantar os olhos.

Surgiram nove ou dez adolescentes, meninos e meninas. Lexi logo viu que eram do tipo “popular”. Qualquer um os reconheceria: garotas bonitas usando jeans de cintura baixa e tops bem acima do umbigo e garotos em uniformes azuis e casacos amarelos. Provavelmente estavam voltando dos treinos de futebol americano e de torcida organizada.

– Meu irmão é o de moletom cinza – disse Mia, aproximando-se dela. – Não o julgue pelas companhias. O cérebro dessas garotas é do tamanho de uma bala de hortelã.

O irmão de Mia era o garoto da primeira aula.

Ele se afastou do grupo com a facilidade de quem sabe quanto é popular, foi até Mia e passou um braço por seus ombros. A semelhança entre os dois era surpreendente: o rosto dela era a versão feminina do dele. O garoto começou a dizer algo à irmã, mas então reparou em Lexi. O olhar que dirigiu a ela foi penetrante e se intensificou de tal modo que ela sentiu o peito começar a palpitar de novo. Ninguém jamais a olhara deste jeito, como se tudo nela fosse interessante.

– Você é a garota nova – disse ele baixinho, tirando os cabelos louros e compridos da frente dos olhos.

– Ela é minha amiga – falou Mia, abrindo um sorriso tão largo que o aparelho ficou parecendo um borrão multicolorido.

O sorriso do garoto desapareceu.

– Meu nome é Lexi – disse ela, embora ele não tivesse perguntado.

Ele desviou o olhar, desinteressado.

– Eu sou o Zach.

Uma garota vestindo um top e um short minúsculo chegou por trás, parou ao lado de Zach, encostando o corpo no dele, e em seguida sussurrou algo em seu ouvido. Ele não riu. Aliás, mal sorriu. E se afastou de Mia e de Lexi.

– Até mais, Mimi – disse, dirigindo-se à irmã.

Passando o braço em torno da cintura da menina de shortinho, ele a conduziu até a escada e desapareceu em meio ao turbilhão de adolescentes que se dirigia ao andar de cima.

Mia olhou Lexi, franzindo as sobrancelhas. Então perguntou:

– Está tudo bem, Lexi? Tem algum problema se eu disser que você é minha amiga?

Lexi ficou olhando para o espaço vazio no qual ele tinha estado. Ela se sentia deslocada. Ele tinha sorrido para ela, não tinha? No início, durante um segundo? O que ela fizera de errado?

– Lexi? Tudo bem se eu disser às pessoas que somos amigas?

Lexi soltou a respiração que estivera prendendo. Obrigou-se a tirar os olhos da escada. Notando o nervosismo de Mia, ela se deu conta do que era importante ali. Não alguém como Zach. Não era de estranhar que a tivesse deixado confusa: ele sempre seria incompreensível para alguém que crescera na sarjeta. O que importava era Mia e este frágil início da amizade entre as duas.

– É claro! – respondeu, sorrindo. Pela primeira vez, não se importou em mostrar os dentes. Tinha certeza absoluta de que Mia não ligaria. – Pode contar para todo mundo.



O salão de jogos estava lotado de garotos, como de costume. Algumas mulheres ficariam assombradas com o barulho e a baderna, mas não Jude. Anos atrás – quando os gêmeos estavam começando o sétimo ano – ela fizera um esforço consciente para fazer da casa um lugar acolhedor. Queria que os filhos passassem tempo ali. Ela se conhecia bem e sabia que não gostaria de largá-los aos cuidados de outra mulher. Queria estar no comando. Fora para isso que projetara cuidadosamente o segundo andar, e sua ideia tinha dado certo. Às vezes ficavam umas quinze crianças ali, devorando os estoques de petiscos como se fossem gafanhotos. Mas ela sabia onde os filhos estavam e que estavam protegidos.

Agora, enquanto destrancava as portas corrediças da sala e as escancarava, ouvia movimento no andar de cima. O piso rangia e sons de passos ecoavam pela casa.

Pela primeira vez Mia não estava se escondendo de toda a bagunça – que chegava a ser desmedida, em certas ocasiões – dos adolescentes no salão de jogos nem se trancara no quarto para assistir a mais sessões individuais de *A pequena sereia*, *A Bela e a Fera* ou outro filme reconfortante da Disney. Estava na praia, sentada na areia, com Lexi. Um pesado cobertor de lã as envolvia e os cabelos pretos e louros se enredavam na brisa salgada. Estavam lá havia horas, conversando.

A simples visão da filha em companhia de uma amiga fez Jude sorrir. Ela esperara tanto por isso, desejara com tanto fervor... Contudo, agora que se concretizara, não conseguia deixar de se preocupar um pouquinho. Mia era muito frágil e carente, o que tornava extremamente fácil magoá-la. E, depois do que tinha acontecido com Haley, ela não suportaria a traição de outra amiga.

Jude precisava descobrir um pouco mais sobre Lexi, apenas para saber com quem a filha estava andando. Essa era uma atitude que dera certo ao longo dos anos. Quanto mais soubesse da vida dos filhos, mais possibilidades de ser boa mãe ela teria. Saiu para o pátio. A brisa imediatamente tocou seus cabelos, jogando mechas contra o rosto. Sem se dar o trabalho de calçar alguma das sandálias que estavam amontoadas junto à porta, caminhou descalça pela ardósia, passando entre os móveis de vime escuro do jardim. No limite da área gramada, já próximo à areia, um cedro gigantesco, reto e alto, se erguia contra o azul cristalino do céu. Ao chegar perto das meninas, ouviu Mia dizer:

– Quero fazer o teste para a peça da escola, mas sei que não vou conseguir um papel. A Sarah e a Joeley sempre ficam com as personagens principais.

– Eu estava morta de medo de falar com você hoje – disse Lexi. – E se não tivesse falado? Não é bom ter medo e fugir das coisas. Você deveria tentar.

Mia se voltou para Lexi:

– Você vai comigo aos ensaios? Aquele pessoal do teatro é... tão *sério*! Eles não gostam de mim.

– Vou. Claro que vou – disse Lexi, e a feição solene de seu rosto demonstrava que ela compreendia o sentimento da amiga



Jude parou ao lado da filha.

– Oi, meninas – falou, pondo a mão no ombro magro de Mia, que sorriu para ela.

– Vou tentar um papel na peça da escola. A Lexi vai comigo. Não devo ser escolhida, mas...

– Que maravilha! – exclamou Jude, feliz com o progresso da filha. – Bem, é melhor eu levar a Lexi para casa. Seu pai vai chegar daqui a uma hora, Mia.

– Posso ir com vocês? – perguntou Mia.

– Não. Você tem de fazer um trabalho para sexta. É melhor começar quanto antes – respondeu Jude.

– Você já está conferindo minha agenda no site do colégio, mãe? Esse foi só o primeiro dia de aula – disse Mia, deixando cair os ombros.

– É preciso ter disciplina, Mia. No ensino médio, as notas são muito importantes. – E então Jude olhou para Lexi: – Está pronta?

– Posso ir de ônibus – respondeu Lexi. – Não precisa me levar.

– Ônibus?

Jude franziu a testa. Nunca vira uma criança fazer essa oferta. A maioria dizia que iria ligar para a mãe, mas nenhuma jamais se prontificara a pegar um ônibus. E onde é que se pegaria ônibus por ali?

– De verdade, Sra. Farraday. Não precisa me levar para casa – confirmou Lexi depois que se desenrolou do cobertor de lã listrado de vermelho e branco, que caiu sobre a areia quando ela ficou de pé.

– Por favor, Lexi, me chame de Jude. Quando diz “Sra. Farraday”, eu penso na minha mãe, e isso não é bom. Mia, vá dizer ao Zach que vou começar as viagens. Pergunte quem mais precisa de carona.

Dez minutos depois, ela estava ligando o carro. Cinco crianças entraram aos empurrões, acomodando-se atrás e falando sem parar enquanto ajustavam os cintos de segurança. Ao lado de Jude, no banco do passageiro, Lexi estava quieta, olhando para a frente. Jude lembrou aos filhos que eles deveriam fazer o dever de casa e saiu. Conhecia tanto aquele trajeto que poderia fazê-lo de olhos fechados: à esquerda na Estrada da Praia, à direita na Estrada da Noite e novamente à esquerda na rodovia. Dirigiu mais um pouco e seguiu até o final da rua de Molly, parando na frente da casa de sua melhor amiga.

– Está entregue, Bryson. Diga à sua mãe que nosso almoço nesta semana está confirmado.

O garoto murmurou uma resposta e saiu do carro. Nos vinte minutos seguintes, Jude fez o circuito tradicional pela ilha, deixando cada uma das crianças em casa. Finalmente, voltando-se para Lexi, perguntou:

– Muito bem, querida, para onde vamos agora?

– Aquilo ali não é um ponto de ônibus?

Jude sorriu.

– Não vou pôr você em um ônibus. Para onde, Lexi?

– Port George – respondeu a menina.

– Ah – disse Jude, surpresa.

A maioria dos alunos da Escola Pine High morava na ilha. O lado de lá da ponte era outro mundo, bem diferente. Geograficamente, menos de cem metros separavam Pine Island de Port George, mas havia muitas maneiras de calcular distâncias. Port George era aonde garotos de boa condição financeira iam para comprar, no mercadinho local e usando identidades falsificadas – que eles fabricavam usando os velhos cartões de seus jogos de cartas –, a cerveja e o cigarro que não tinham como conseguir em Pine Island. As escolas de lá enfrentavam todo tipo de problema. Ela voltou para a rodovia, dessa vez tomando a direção de saída da ilha.

– Vire aqui – disse Lexi aproximadamente um quilômetro e meio depois de passada a ponte. – Aliás, pode me deixar aqui. Eu ando o restante do caminho.

– Nem pensar.

Jude seguiu as placas até o Parque de Trailers Chefe Sealh. Dali, Lexi indicou uma rua sinuosa que conduzia a um terreno minúsculo, no qual só havia mato, ervas daninhas e um trailer duplo, pintado com uma cor amarela desbotada e apoiado em blocos de concreto. A porta da frente tinha uma rachadura grande e era de um tom muito feio de azul. Dentro, era possível ver cortinas puídas e com bainhas desiguais. Faixas de ferrugem se estendiam como larvas pela casa. Na grama, rastros profundos de barro indicavam o lugar em que um carro costumava ficar estacionado.

Jude parou próximo ao mato e desligou o motor. Jamais teria imaginado algo assim.

– Sua mãe está em casa? Queria muito conhecê-la. Não gostaria de simplesmente deixar você aqui.

Lexi olhou para Jude.

– Minha mãe morreu há três anos. Agora eu moro com a minha tia Eva.

– Poxa, minha querida... Sinto muito. Sei como deve ser difícil para você.

Jude sabia bem o que era perder um parente. Seu pai falecera quando ela tinha 7 anos, e então o mundo se tornara escuro e assustador, e ela não conseguia encontrar seu lugar. Essa situação durou anos. Lexi encolheu os ombros.

– Há quanto tempo você mora com a sua tia?

– Há quatro dias.

– Quatro dias? Mas... onde você...

– Em adoção temporária – disse Lexi baixinho, suspirando. – Minha mãe era viciada em heroína. Houve épocas em que moramos dentro do carro. Então imagino que você não queira que eu continue a andar com a Mia. Eu entendo. De verdade. Porque gostaria que a minha mãe tivesse se preocupado com as minhas companhias.

Jude franziu a testa. Tudo isto a pegara de surpresa. A situação toda a preocupava, mas ela não queria ser o tipo de pessoa que julga alguém só pelas circunstâncias. E, naquele instante, Lexi parecia ser a adolescente mais sofrida que ela já vira. Tudo nessa menina irradiava derrota. Sem dúvida alguma, ela já sofrera muitas decepções na vida.

– Eu não sou como a minha mãe – disse Lexi, compenetrada. E seus olhos azuis demonstravam uma carência genuína.

Jude acreditava na garota, mas ainda percebia como a situação poderia ser perigosa. Mia era frágil e fácil de manipular. Jude não podia ignorar esse fato, por mais que sentisse pena de Lexi.

– Eu também não sou como a minha mãe, mas...

– O quê?

– A Mia é tímida. Sei que você já percebeu isso. Ela tem dificuldade de fazer amigos e se preocupa muito em agradar. Sempre foi assim. E, no ano passado, ela sofreu uma desilusão. Não por causa de um garoto. Foi pior que isso. Uma menina, a Haley, se aproximou dela. Durante alguns meses, as duas foram inseparáveis. Nunca tinha visto a Mia tão feliz. Mas na verdade a Haley estava mesmo era interessada no Zach, que caiu na armadilha. Ele não percebeu que isso afetaria a irmã. Enfim, a Haley trocou a Mia pelo Zach e, quando meu filho perdeu o interesse pela namorada, a Haley deixou de ir à nossa casa. A Mia ficou tão magoada que passou quase um mês sem falar. E eu fiquei muito preocupada...

– Por que está me contando isso?

– Acho que... é porque, se vocês vão ser amigas, a Mia precisa saber que pode contar com você. E eu também quero saber isso.

– Eu nunca faria nada que pudesse magoar a Mia – prometeu Lexi.

Jude pesou cada um dos perigos que essa amizade poderia significar para a filha e todos os benefícios, como se a decisão dependesse dela, mesmo sabendo que não era assim que funcionava. Uma jovem de 14 anos saberia escolher as próprias amizades. Mas Jude poderia facilitar ou dificultar o contato entre Mia e Lexi. O que seria melhor para a Mia?

Quando olhou para Lexi, a resposta veio com facilidade. Jude era mãe, acima de tudo. E sua filha precisava desesperadamente de uma amiga.

– Vou levar a Mia à cidade no sábado, para a manicure. Um programa só de mulheres. Gostaria de ir conosco?

– Não posso – respondeu Lexi. – Ainda não arrumei emprego e o dinheiro está curto. Mas obrigada.

– Eu estou convidando, é por minha conta – disse Jude, com naturalidade. – E não vou aceitar um não como resposta.

INFORMAÇÕES SOBRE OS
PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
ou siga @editoraarqueiro no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,
escreva para atendimento@editoraarqueiro.com.br
ou mande uma mensagem para @editoraarqueiro no Twitter.

EDITORA ARQUEIRO
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br